



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMPLEMENTARES**

Escola: _____

Estudante: _____

Componente curricular: História
Período: 03/05/2021 a 31/05/2021

Etapa: Ensino Fundamental II
Turma: 6º ano

- As atividades das APCs serão adequadas de acordo com a limitação e necessidade de cada estudante pelo professor (a) de Apoio e Supervisão do Departamento de Coordenação de Educação de Inclusão Social.

CADERNO 3

AULA 1 e 2 – Leitura e interpretação do texto e resolução das atividades.

Os milenares

Grupo de pescadores-caçadores-coletores ocupou o Pantanal há mais de 10 mil anos e desenvolveu tecnologias a partir do ambiente em que viviam.

(*Jorge Eremites de Oliveira 1/12/2013)

Localizada na bacia do Alto Paraguai, a planície do Pantanal é a maior área úmida contínua do planeta. Foi neste lugar que há 10, 11 mil anos – logo após o término do último período glacial, conhecido como pleistoceno, e o início do período atual, holoceno – grupos humanos resolveram se instalar. Se considerarmos as áreas serranas que circundam a região, a presença humana é ainda mais antiga. Esses homens e mulheres são exemplos de como se vivia no território que veio a se chamar, milênios depois, de Brasil. Isso muito antes de Cabral, ou de qualquer outro europeu que tivesse aportado oficialmente em nosso litoral.

A partir do holoceno, o clima pantaneiro passou a ser mais quente e úmido em comparação com o clima mais seco e frio que predominara anteriormente. Pouco a pouco foi aparecendo uma expressiva biodiversidade, com várias espécies de plantas e animais, a grande maioria proveniente de biomas vizinhos, como o Cerrado e a Amazônia. A região passou ainda a contar com uma sazonalidade marcante, caracterizada por episódios anuais de cheia e seca, chamada de pulso de inundação.

Os primeiros humanos que ali chegaram eram populações indígenas ou ameríndias. Seus antepassados mais longínquos vieram da Ásia para o continente americano, atravessando o Estreito de Bering entre 20 e 12 mil anos atrás. Na época, o nível do mar era cerca de 60 metros mais baixo em relação ao atual. Havia uma ponte de terra e gelo ligando a Sibéria, na Ásia, ao Alasca, na América do Norte. Depois passaram pela América Central e atingiram o centro da América do Sul. Esse processo de migração levou um tempo correspondente a dezenas de gerações de ameríndios.

A essas antigas populações não é possível atribuir o nome de qualquer povo indígena conhecido historicamente, embora seja possível fazer certas distinções, como a de seus padrões “tecnológicos”. Os primeiros habitantes encontraram na região condições ecológicas favoráveis à sua reprodução física e sociocultural. Estabeleceram moradias em assentamentos localizados às



Gravura datada de 1599 traz costumes dos índios Xaraiés.
(Fundação Biblioteca Nacional)

margens de grandes rios, como o Paraguai. Davam preferência a locais de topografia elevada e protegida das enchentes anuais. Viviam em famílias extensas, em pequenas comunidades estruturadas em redes de parentesco formadas por pais, filhos, tios, avós e bisavós. Sua economia de subsistência dependia especialmente da pesca, da caça e da coleta. Daí o nome com que são conhecidos na arqueologia: pescadores-caçadores-coletores.

Para uma economia assim, as comunidades desenvolveram uma tecnologia voltada à produção de artefatos de madeira, osso, concha de molusco e pedra (rochas e minerais). Também possuíam conhecimentos apurados sobre os ecossistemas regionais, incluindo o comportamento dos animais, os locais de obtenção de matéria-prima para a produção da cultura material, as variações climáticas e as áreas onde coletavam plantas de valor alimentício e medicinal.

Entre 8,4 e 8,1 mil anos atrás, um grupo de pescadores-caçadores-coletores estava estabelecido à margem direita do rio Paraguai, precisamente na escarpa calcária sobre a qual foi fundada, na segunda metade do século XVIII, a cidade sul-mato-grossense de Ladário. As pesquisas arqueológicas realizadas no local comprovam que a pesca de pequenos peixes, a coleta de caramujos aquáticos e a caça de jacarés e capivaras compunham parte do total da proteína animal consumida por eles. Esta população se caracterizava pela fabricação e pelo uso de artefatos lascados e polidos feitos principalmente de quartzo e calcário.

Os três milênios seguintes, entre 8,1 e 5 mil anos atrás, ainda são pouco conhecidos pelos arqueólogos. Essa lacuna de três milênios, a grosso modo, corresponde a um fenômeno conhecido como ótimo climático, quando as temperaturas quentes e a umidade regional atingiram seu ponto máximo após o fim da última glaciação.

A partir de 5 ou 4,5 mil anos atrás houve a intensificação da ocupação indígena na região. Trata-se da presença de grupos que construíram muitas estruturas monticulares conhecidas na arqueologia como aterros, montículos, cerritos ou mounds. Paulatinamente, passaram a se organizar em comunidades maiores e mais complexas do ponto de vista socioeconômico e político, as tribos, contando com dezenas ou centenas de indivíduos. Nelas, a diferenciação social tendia a aumentar, bem como a concentração de poderes nas mãos de pessoas capazes de liderá-las.

Os aterros são verdadeiras obras de engenharia. Constituem elevações elípticas do terreno, totais ou parcialmente construídas pelos indígenas, em geral em forma subcircular. Em suas camadas arqueológicas aparecem restos de alimentação humana (conchas de caramujos, ossos de peixes etc.) e artefatos diversos (lâminas líticas de machado, pontas de flechas feitas de ossos, fragmentos de vasilhas cerâmicas etc.). Em alguns casos foram encontrados esqueletos humanos nesses locais, cujos sepultamentos atestam uma diversidade em termos de práticas mortuárias. Nos campos de savana, os aterros apresentam-se como ilhas de vegetação. Sua construção requereu o uso de conhecimentos arquitetônicos complexos e a organização do trabalho social, além de fatores ideológicos, relações de poder e estratégias de territorialidade. Os últimos índios que construíram aterros no Pantanal foram os canoeiros guatós. Alguns de seus anciãos chegaram mesmo a morar em montículos desse tipo entre a primeira metade do século XX e a década de 1970.

Do limiar do milênio anterior ao início da Era Cristã teve início a formação de um rico mosaico sociocultural nesta porção central da América do Sul. Foi constituído por povos canoeiros pescadores-caçadores-coletores que lá estavam estabelecidos, além de povos agricultores de origem amazônica que migraram para a região. Entre os primeiros ocupantes houve a incorporação, anterior a 3 mil anos atrás, de elementos cerâmicos relacionados a distintos estilos tecnológicos e a diferentes etnias. Seu padrão tecnológico ceramista está caracterizado pela fabricação de panelas, tigelas eoringas pequenas, feitas pela técnica da sobreposição de roletes de argila seguida da queima do vasilhame. Geralmente possuem capacidade volumétrica inferior a 4 litros. Eram utilizadas para produzir, armazenar e servir alimentos sólidos e líquidos por pequenas famílias pertencentes a uma comunidade maior, constituída por redes de relações sociais. Em alguns sítios foram encontrados cachimbos e rodela de fuso e artefato usado para fiar fibras vegetais, o que denota o cultivo ou o uso de plantas domesticadas, como o algodão e o fumo, entre grupos indígenas.

Os povos oriundos da Amazônia, conhecidos no período colonial, seriam os antigos índios xaray ou xarayes e itatins. Eram agricultores que produziam grandes vasilhas cerâmicas, às vezes com capacidade volumétrica superior a 100 litros, tinham uma indústria lítica mais apurada, assentamentos em locais de solos férteis e uma complexidade social que sugere a existência de chefes ou caciques.

Associados aos antigos grupos que construíram ou ocuparam aterros também há sítios com

grande quantidade de grafismos rupestres (inscrições e pinturas), pertencentes ao estilo Alto Paraguai. Neles se encontram figuras geométricas, como círculos concêntricos, figuras antropomorfas, a exemplo de pegadas humanas, e figuras zoomorfas de mamíferos e serpentes, além de pegadas de aves e felinos.

Na porção meridional da região, onde o Pantanal se funde e se confunde com o Chaco (porção pantaneira do Paraguai), foi encontrada outra tradição tecnológica ceramista, que deve ter sido produzida a partir do segundo milênio da Era Cristã. Suas características tecnológicas lembram a cerâmica dos atuais índios kadiwéus que vivem em Mato Grosso do Sul.

Em tempos coloniais, muitos povos indígenas se estabeleceram na região. Nas terras altas (serras, morros isolados, terraços fluviais etc.), havia aldeias de povos linguisticamente aruák e guarani. Nas terras baixas (áreas inundáveis), era marcante a presença de povos canoieiros, como os guató, os guasarapos e os payaguás, dentre outros. Nessa época, o Pantanal já era uma área de grande diversidade étnica e cultural, com dezenas de povos cultural e linguisticamente distintos, falantes de línguas vinculadas às famílias linguísticas aruák, guaikuru, guató, jê e zamuco.

Com o advento da conquista ibérica, a partir do século XVI, vários povos sofreram abruptos processos de desterritorialização e de população promovidos por espanhóis, portugueses e seus aliados. Guerras e epidemias foram decisivas para isso. Mas muitos povos, como os atuais bororo, guató, kadiwéu e terena, resistiram e conseguiram sobreviver. Eles representam tradições antiquíssimas e modos de viver diversos dos praticados hoje em dia, tendo também contribuído para constituir o atual Brasil.

**Jorge Eremites de Oliveira é professor Universidade Federal de Pelotas e autor de Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal. (Oeste, 2004) e Guató: argonautas do Pantanal (EDIPUCRS, 1996). Disponível em: <https://www.academia.edu/RegisterToDownload/BulkDownload>*

1) Explique como viviam os povos pescadores-caçadores-coletores do Pantanal?

2) Como era a cerâmica dos povos indígenas xaray ou xarayes e itatins?

3) Vários povos sofreram abruptos processos de desterritorialização e de população promovidos por espanhóis, portugueses e seus aliados, mas muitos povos indígenas conseguiram resistir e conseguiram sobreviver. Quais são esses povos?

AULA 3 e 4 – Livro didático de História “História Sociedade & Cidadania”, páginas 66 e 78 com o tema “Egito e Kush”. (Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático)

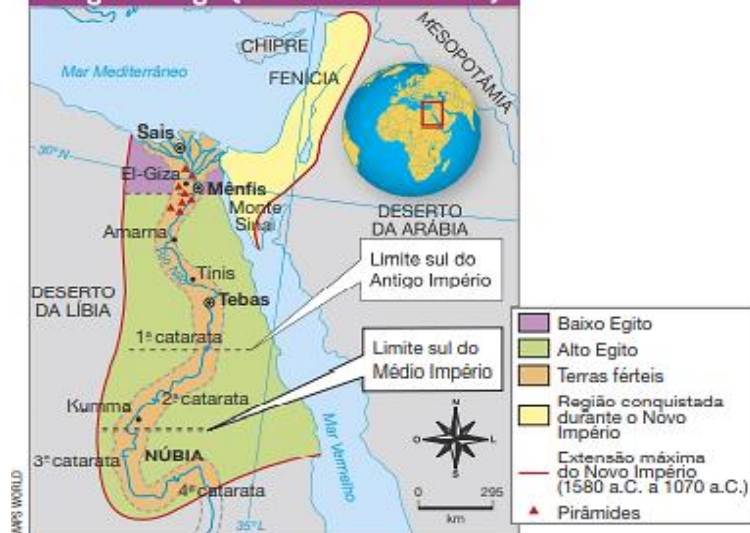


África: organizações políticas

Na África, antes dos europeus, existiram várias formas de organização política. Apresentamos, a seguir, algumas delas:

Aldeia: organizava-se em torno de um líder que julgava, distribuía terras e comandava os guerreiros em caso de conflito. O líder era responsável pelo bem de todos. O chefe da aldeia era ajudado por

O Egito antigo (3100 a.C.-1070 a.C.)



Fonte: DUBY, Georges. Atlas historique mondial. Paris: Larousse, 2001. p. 7.

um Conselho. As pessoas se orientavam pelos espíritos da natureza ou antepassados mortos.

Cidades-Estado: eram cidades cercadas que possuíam governo próprio, um centro comercial e uma área rural. Possuíam mercados, comerciantes, artesãos, agricultores e pastores.

Reino: pode ser definido como uma reunião de várias aldeias e cidades na qual vivia um líder com autoridade sobre todos os outros. Nas capitais do reino havia concentração de riqueza, poder, gente, oferta de alimentos e serviços. Quando o líder de uma cidade ou reino expandia os limites territoriais e conquistava terras e povos, estava formado um império.

Império: na Antiguidade, era geralmente um

conjunto de cidades ou regiões subordinadas ao governante da cidade mais poderosa.

Cotidiano no Antigo Egito

Os antigos egípcios criaram uma civilização fascinante em meio ao deserto. Desde 5000 a.C., os habitantes das aldeias próximas ao Rio Nilo cultivavam cereais, como o trigo, o centeio e a cevada, legumes, frutas, linho, algodão e papiro. Isso só foi possível porque souberam aproveitar as cheias do Rio Nilo.

O Império egípcio

Nas aldeias, as disputas por terras férteis e poder levaram a alianças e guerras entre os chefes. Os vencedores passaram a governar um território maior e com mais pessoas, os nomos. Os administradores dos nomos eram os nomarcas. As disputas entre os nomarcas deram origem a dois grandes reinos: o Alto Egito, localizado no sul, e o Baixo Egito, localizado no norte.

Por volta do ano 3100 a.C., o rei Menés, do Alto Egito, conquistou o Baixo Egito, unificando os dois reinos. Menés tornou-se então o primeiro faraó (nome que se dava ao rei entre os egípcios) e o fundador da primeira dinastia (sucessão de reis pertencentes a uma mesma família). Nascia, assim, o Império egípcio, com capital na cidade de Tínis, depois substituída por Mênfis, atual Cairo.

Fonte da ilustração: FUNARI, Raquel dos Santos. O Egito dos faraós e sacerdotes. São Paulo: Atual, 2001. p. 6.



Nessa ilustração, à esquerda vemos o faraó com a coroa do Baixo Egito; no centro, com a coroa do Alto Egito; e, à direita, com a coroa representando a unificação do Alto com o Baixo Egito.

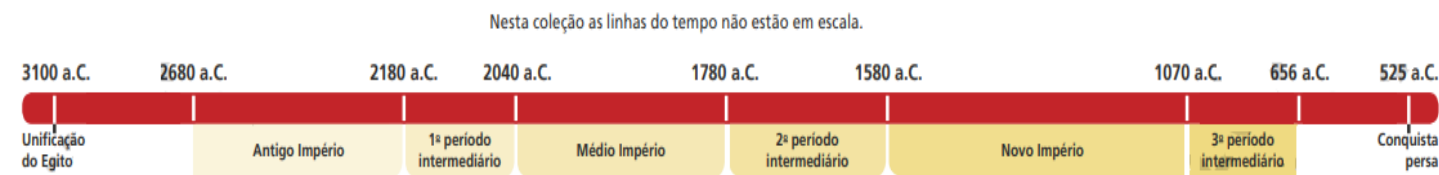
Periodização

A história política do Império egípcio pode ser dividida em três períodos, entre os quais existiram os “períodos intermediários”, quando o Egito viveu momentos de crise, com o enfraquecimento do poder do faraó e invasões externas.

Antigo Império (cerca de 2680 a 2180 a.C.): período de certa estabilidade política e de progresso econômico.

Médio Império (cerca de 2040 a 1780 a.C.): período em que os egípcios expandiram seu território em direção ao sul e intensificaram seu comércio com a Núbia, região habitada por povos negros e rica em minerais, entre os quais o ouro. Apesar da prosperidade material, o Egito se enfraqueceu por causa de disputas pelo poder entre os próprios egípcios. Então, os hicsos, povo originário da Ásia Central, atravessaram o deserto e invadiram o Egito, lá permanecendo por 170 anos.

Novo Império (cerca de 1580 a 1070 a.C.): esse período inicia-se com a expulsão dos hicsos. Os faraós do Novo Império organizaram um poderoso exército com cavalaria e carros de combate e, depois de conquistar o Reino de Kush, ocuparam a Síria, a Fenícia e a Palestina, estendendo seus domínios até o rio Eufrates, na Mesopotâmia. Veja a linha do tempo.



Sociedade e poder

A sociedade egípcia mudou pouco ao longo de séculos, pois no antigo Egito as chances de ascensão social eram mínimas. Quase sempre o indivíduo nascia e morria pertencendo ao mesmo grupo social.

O faraó

No Egito, desde o mais humilde camponês até o poderoso faraó acreditavam na existência de uma vida após a morte. Por isso, vários faraós ordenaram a construção de imensos túmulos, as pirâmides. Para o faraó, mandar erguer uma pirâmide era uma forma de garantir sua “casa da eternidade”, local onde esperava continuar desfrutando dos prazeres terrenos.

Para os egípcios, o faraó era mais do que um ser de origem divina: era o próprio deus. Ele era o governante máximo, o comandante militar e o juiz supremo do Egito. Além disso, era considerado o dono de todas as terras egípcias; por isso, recebia impostos (pagos em produto), acumulando assim enorme riqueza.

Os faraós construíam para si túmulos magníficos, como, por exemplo, as pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, edificadas por faraós do Antigo Império que tinham esses nomes e eram parentes entre si.

Os altos funcionários e os sacerdotes

Entre os altos funcionários do governo egípcio, estavam o vizir e o escriba. O vizir era a maior autoridade do país depois do faraó; ele comandava a polícia, a justiça e a arrecadação de impostos em todo o Império.

Os escribas, por sua vez, também ocupavam posição de destaque; eles trabalhavam para o Estado, para os templos religiosos e para o Exército. Para exercer a profissão de escriba, a pessoa precisava estudar desde os cinco anos em uma escola especial, onde aprendia cálculo, leitura e escrita. De posse desses conhecimentos, os escribas controlavam toda a vida econômica do Egito: as áreas cultivadas, os rebanhos, o volume da colheita, os impostos arrecadados etc.

Já os sacerdotes executavam os serviços religiosos e administravam os templos, que geralmente eram muito ricos, graças às oferendas feitas pela população.

Artesãos, comerciantes e militares

Os artesãos egípcios (carpinteiros, ferreiros, joalheiros) eram conhecidos no mundo antigo. Com a madeira, faziam brinquedos, móveis, barcos etc.; com adobe, areia e pedra, construíam casas e os palácios; com o ferro, confeccionavam armas, instrumentos de trabalho e carros de guerra; com o papiro, produziam o papel e uma variedade de outros objetos; com os metais, faziam joias e ornamentos.

Nos períodos de maior prosperidade, como, por exemplo, no Novo Império, o comércio interno e externo cresceu, possibilitando o aumento da riqueza dos comerciantes. Com as guerras de conquista durante o Novo Império, os militares do Egito antigo também conseguiram riqueza e prestígio; muitos deles lutavam em troca de terra ou de parte dos saques realizados durante essas guerras.

Os camponeses e os escravos

Os camponeses, chamados no Egito antigo de felás, constituíam a maioria da população e tinham uma vida muito difícil; nas propriedades agrícolas eles faziam todo tipo de serviço (arar, plantar,

colher, abrir canais, construir e consertar) e, em troca, recebiam apenas uma pequena parte do que plantavam. E ainda tinham de pagar um imposto em produto (cereais), que era recolhido aos armazéns do faraó. Além disso, eram obrigados a trabalhar em obras do governo, como abertura de estradas, limpeza de canais e transporte de pedras usadas na construção de túmulos, templos e palácios.

Os escravos eram, geralmente, prisioneiros de guerra e faziam os trabalhos mais pesados e perigosos em minas, pedreiras e nas grandes obras públicas.

A religiosidade egípcia

A religiosidade era um traço fundamental da sociedade egípcia. Os egípcios eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses. Entre os mais conhecidos, estavam: Amon-Rá, criador do Universo e de todos os deuses; Osíris, deus da vida após a morte; Ísis, irmã e esposa de Osíris; e Hórus, o filho deles. Seus deuses eram representados com forma humana, como Osíris, com forma humana e animal, como Hórus (corpo de homem e cabeça de falcão), ou somente com a forma animal, como Anúbis. Os egípcios acreditavam na existência de uma vida após a morte e que toda pessoa, ao morrer, era julgada no Tribunal de Osíris.

Em caso de absolvição, a alma podia reocupar o corpo ao qual pertencera. Mas, para isso, diziam os egípcios, era necessário que o corpo estivesse conservado. Isso explica por que os egípcios desenvolveram técnicas de mumificação. A múmia era colocada num sarcófago; este era posto em uma urna funerária e conduzido até o túmulo. Lá, costumavam-se deixar vários objetos, como joias, armas, alimentos, que, posteriormente, segundo acreditavam os egípcios, teriam grande utilidade para o morto.

A riqueza e a variedade dos objetos dependiam das condições de cada um. No túmulo do faraó Tutancâmon, por exemplo, havia um aposento repleto de objetos de luxo, muitos deles feitos de ouro: cadeiras, carros, armas, barcos, armários, poltronas, bastões, colares, estátuas, aparelhos de mesa, objetos pessoais etc. Sua mobília era composta por mais de 5 mil objetos.

A tumba de Tutancâmon e o tesouro nela contido foram encontrados intactos, em novembro de 1922, pelo arqueólogo inglês Howard Carter. Ele nos conta que o dia mais emocionante foi quando, ao abrir a porta da câmara mortuária, avistou três sarcófagos representando Tutancâmon, um dentro do outro, mostrando o belo rosto do faraó; o mais interior era de ouro puro. Neste último, estava a múmia do faraó coberta com uma máscara de ouro e lápis-lazúli.

- Após fazer a leitura e interpretação do texto e imagens. Responda as questões abaixo.

1) Quais as formas de organização política na África antes dos europeus?

2) Em quantos períodos podemos dividir a história política do Império egípcio? Quais esses períodos?

3) Para os egípcios qual era a função do faraó?

4) O que uma pessoa precisava para exercer a função de escriba no Egito?

5) Cite o nome de três deuses egípcios?

AULA 5 e 6 – Livro didático de História “História Sociedade & Cidadania”, páginas 79 e 86 com o tema “O Reino de Kush” e resolução das atividades. *(Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático)*

Alfredo Boulos
História
Sociedade & Cidadania

6

O Reino de Kush

O Reino de Kush

A história de Kush está estreitamente ligada à do Egito: os arqueólogos encontraram grande número de objetos egípcios (pérolas, vasos, peças de artesanato etc.) em terras núbias, e produtos núbios (peles de animais, marfim, ouro, ébano etc.) em terras egípcias, o que prova que o contato comercial entre eles foi intenso.

Sabe-se também que, por volta de 1530 a.C., o Reino de Kush foi conquistado pelo Egito. Para administrá-lo, o faraó egípcio nomeava vice-reis que deviam receber os tributos pagos pela população e encaminhá-los às autoridades egípcias. Essa pintura mural foi encontrada na tumba de um desses vice-reis.

Sob o domínio egípcio, os cuxitas adotaram alguns deuses e algumas práticas funerárias egípcias, como, por exemplo, a mumificação. Observe a imagem.

Mas houve um tempo em que o Reino de Kush também conquistou o Egito. Por volta de 730 a.C., após uma guerra prolongada, os cuxitas tomaram Tebas, a capital do Egito na época. O faraó Peye, originário de Kush, tomou o poder, dando início à 25ª dinastia, conhecida também como dinastia dos faraós negros. Os faraós desta dinastia usavam uma coroa com duas serpentes que se erguiam sobre suas fronteiras para indicar que reinavam ao mesmo tempo sobre Kush e o Egito. Eles se consideravam sucessores dos faraós egípcios e também ordenaram a construção de pirâmides para lhes servirem de túmulos.

A 25ª dinastia foi derrubada pelos assírios, que invadiram e conquistaram a capital do Egito (Tebas), em 644 a.C. Após essa data, os cuxitas retornaram para o sul, instalando a sede do Reino de Kush na cidade de Napata e, mais tarde, em 580 a.C., na cidade de Méroe.

Características do Reino de Kush

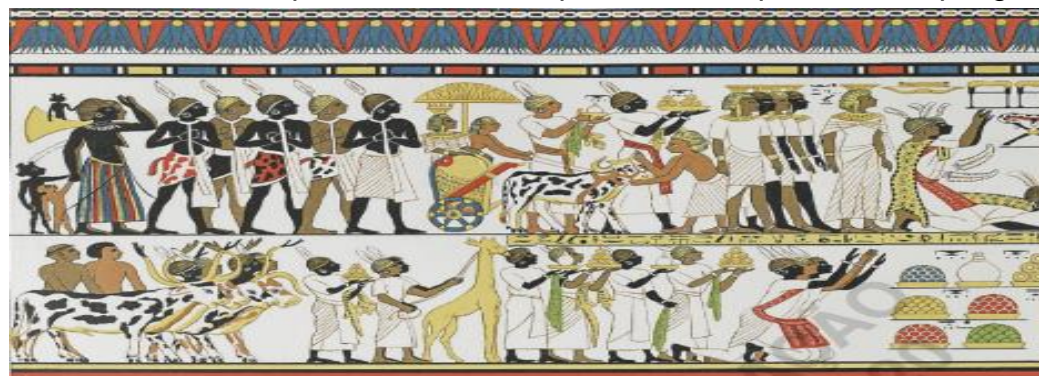
Graças à arqueologia e à epigrafia sabe-se que, na época em que a capital foi a cidade de Méroe, Kush se distinguiu de outros reinos antigos por duas importantes características: o modo como o rei era eleito e o papel da mulher na política.

A escolha do rei

Os cuxitas escolhiam seu rei de um modo original. Inicialmente, os líderes das comunidades votavam naquele que consideravam mais preparado para o cargo de rei. Em seguida, lançavam sementes ao chão para perguntar ao deus da cidade se a escolha foi acertada. Em caso de confirmação do deus realizavam uma festa que terminava com a coroação do novo rei.

O rei tinha uma guarda permanente para protegê-lo e era auxiliado por um grupo de altos funcionários, como o chefe de tesouro, o escriba -mor e o comandante militar.

No Reino de Kush o ofício de militar era valorizado, o que era de se esperar, tendo o poderoso Egito como vizinho. Em caso de necessidade, todos os homens eram convocados para a guerra. O exército cuxita, composto de homens que lutavam a pé e outros que guerreavam a cavalo, enfrentou



os egípcios diversas vezes, fosse para defender-se deles ou para conquistá-los.

Pintura representando núbios levando tributos, como ouro e peles de animais, a serem pagos aos egípcios. Mural encontrado em túmulo de Tebas, Egito, c. 1380 a.C.

Candace, a mulher na política

Há indícios arqueológicos de que as mulheres ocupavam posições de destaque no Reino de Kush. Elas podiam ser sacerdotisas, administradoras de uma cidade e podiam, ainda, chefiar o governo, com o título de candace.

As imagens também confirmam o poder feminino em Kush. No interior das pirâmides cuxitas, as candaces são mostradas como as principais portadoras de oferendas aos deuses; e nas paredes dos templos são representadas como mulheres poderosas. As candaces do Reino de Kush foram soberanas, superando em importância seus filhos ou maridos.

Entre as candaces mais conhecidas está Amanishaketo (42-12 a.C.), que, provavelmente, liderou a resistência cuxita ao poderoso Império Romano.

Quando o exército romano avançou sobre o nordeste da África e conquistou a cidade de Napata, os cuxitas resistiram aos romanos. Até que, em 21 a.C., a rainha africana conseguiu negociar um acordo de paz com os romanos: ofereceu a eles uma faixa de terra no norte de Kush e, em troca, manteve a soberania de seu reino, livrando-o de ter de pagar impostos a Roma.

Para alguns historiadores africanos, a participação da mulher na política e o controle do governo cuxita sobre o ouro, as pedras preciosas e o ferro ajudam a explicar a prosperidade do Reino de Kush, bem como sua longa vida.

Economia e sociedade

Enquanto a capital foi Napata, a principal atividade econômica dos cuxitas era a pecuária; eles criavam cabritos, cabras, cavalos e burros (usados, sobretudo, no transporte de produtos). A riqueza de uma pessoa era medida pelo tamanho do seu rebanho. Por volta de 580 a.C., com a mudança da capital para Méroe, onde as chuvas eram mais regulares, houve um aumento da área de terra irrigada e uma expansão da agricultura. As plantas mais cultivadas por eles inicialmente foram o trigo, a cevada e o sorgo.

Inicialmente os cuxitas retiravam água do rio Nilo para suas plantações usando o shaduf, artefato também utilizado pelos egípcios. Posteriormente, graças à habilidade de seus carpinteiros e ferreiros, os cuxitas passaram a retirar água do Nilo com a saquia, um dispositivo movido por animais (bois ou camelos) e conectado a duas rodas-d'água.

Mineração, artesanato e comércio

O solo cuxita era riquíssimo em metais, como o ouro e o ferro, e pedras preciosas, como o rubi. Escavações recentes em Méroe revelaram templos e muros folheados a ouro. Calcula-se que, durante sua existência, Kush chegou a produzir a espantosa quantia de 1 600 toneladas de ouro. Os governantes cuxitas exerciam um rígido controle sobre a extração e o comércio de minérios, garantindo com isso seus rendimentos e seu poder. O ouro cuxita era usado no comércio com o Egito e com Roma. Quanto ao ferro, é provável que Méroe tenha sido o lugar a partir do qual se difundiu o conhecimento da fusão e do manuseio desse metal na África.

Entre os artesãos cuxitas, destacavam-se os ferreiros e os marceneiros, que fabricavam camas, cadeiras, porta-joias; os tecelões, que faziam panos de linho e de algodão; os ceramistas e os joalheiros. Estes faziam colares, braceletes, brincos e anéis de ouro, prata e pedras preciosas; algumas combinavam o ouro com o marfim. Sabemos disso pois muitos desses objetos preciosos foram encontrados nos túmulos reais.

Boa parte do artesanato cuxita era vendida para outras regiões do mundo antigo. Méroe ficava na encruzilhada por onde passavam caravanas de comerciantes carregadas de produtos provenientes de vários pontos da África. De Méroe, as caravanas cuxitas seguiam por terra em direção ao mar Vermelho e, pelo rio Nilo, até o Egito; essa rota fluvial era a mais importante do nordeste africano, na época. Para proteger esse volumoso comércio, os reis cuxitas construíam fortalezas ao longo das rotas comerciais. Os cuxitas vendiam para o Egito ouro, incenso, ébano, óleos, marfim, pedras preciosas, penas de avestruz e pele de leopardo. E da terra dos faraós eles compravam, sobretudo, vasos, pérolas e papiro.



HARVARD UNIVERSITY - MUSEUM OF THE ARTS, BOSTON

Os objetos exibidos nesta página foram encontrados no século XIX. Neste anel cuxita e na joia ao lado se notam influências egípcias nos desenhos. No bracelete abaixo pode-se notar um estilo próprio desenvolvido posteriormente.

A sociedade cuxita

É pouco ainda o que se sabe sobre a sociedade cuxita. A camada dirigente era formada pelo rei e sua família, pelos nobres que ocupavam altos cargos do funcionalismo e pelos sacerdotes. Os agricultores e os criadores de gado, que eram pessoas livres, formavam a maioria da população meroíta. Já as camadas intermediárias eram constituídas por artesãos, comerciantes, militares e pequenos funcionários.

Não se sabe ao certo as razões do declínio de Kush. Provavelmente, os cuxitas perderam para outro povo o controle das rotas comerciais, uma das bases de sustentação do poder cuxita. O que se pode dizer com certeza é que, nos primeiros séculos da Era Cristã, Kush foi empobrecendo; as pirâmides de seus reis foram se tornando menores e mais rústicas, e o número de objetos egípcios encontrados em solo cuxita diminuiu bastante.

Enquanto isso, na região da Núbia, despontava um outro reino africano, o de Axum, localizado onde hoje é a Etiópia. Axum herdou a cultura meroíta, mas se distinguiu dela, entre outras coisas, por ter adotado o cristianismo.

Do esplendor e prosperidade da civilização de Méroe restaram diversos monumentos, entre os quais pirâmides de pequena proporção, sarcófagos de granito e templos em homenagem aos deuses.



- Após fazer a leitura e interpretação do texto e imagens. Responda as questões abaixo.

1) Quais as principais características do Reino de Kush?

2) Quais posições a mulher ocupava no Reino de Kush?

3) Quis os artesãos cuxitas podemos destacar?

AULA 7 e 8 – Leitura do texto e resolução das atividades de número 1 ao 5.

Mesopotâmia

A **Mesopotâmia** era uma região do Oriente Médio localizada entre os rios **Tigre e Eufrates** e abrigou diversas civilizações da antiguidade oriental. Ela estava inserida em um **Crescente Fértil**, característica de regiões desérticas banhadas por importantes rios que garantiam a fertilidade do solo. A Mesopotâmia teve como principais povos os sumérios, amoritas, assírios e caldeus.

LEND MAPAS...

Observe a figura em forma de meia-lua no mapa ao lado. Ela representa o **Crescente Fértil**, a região formada pelas terras férteis do Oriente Próximo – desde o vale do rio Nilo, no Egito, passando pela Síria-Palestina e pela Mesopotâmia, até o golfo Pérsico - em contraste com as regiões desérticas e de estepes ao redor. Ali surgiram as primeiras civilizações do antigo Oriente Próximo.



(Imagem disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4679740/4120179/HG_GIN_EXP_6ANO_2BIM_ALUNO_2014.pdf)

Povos da Mesopotâmia

A Mesopotâmia é considerada um dos berços da civilização, pois abrigou os primeiros povos da humanidade que se organizaram de maneira sedentarizada. Os primeiros a fixaram-se na região foram os **sumérios**, por volta de 5000 a.C. Eles foram os responsáveis pela construção das primeiras cidades, como Ur e Eridu.

As cidades sumérias eram consideradas **cidades-estado** por possuir administração independente uma das outras. Os sumérios também construíram as primeiras barragens, reservatórios e canais de irrigação para conter as cheias dos rios e armazenar e transportar água para regiões distantes.

Para facilitar a contabilidade do comércio e da produção agrícola, os sumérios desenvolveram a primeira forma de escrita da humanidade, conhecida como **escrita cuneiforme**. Esse tipo de escrita era feito em blocos de argila com o uso de um objetivo pontiagudo, que era chamado de cunha.

Por volta de 2200 a.C., os sumérios foram conquistados pelos acádios que habitavam na região central da Mesopotâmia (os sumérios habitavam ao sul). Com a chegada dos **acádios**, foi formado o **Império Acádio**, que teve Sargão I como principal rei. Esse império teve curta duração, pois logo foi destruído com a chegada dos gútios e dos elamitas na Mesopotâmia.

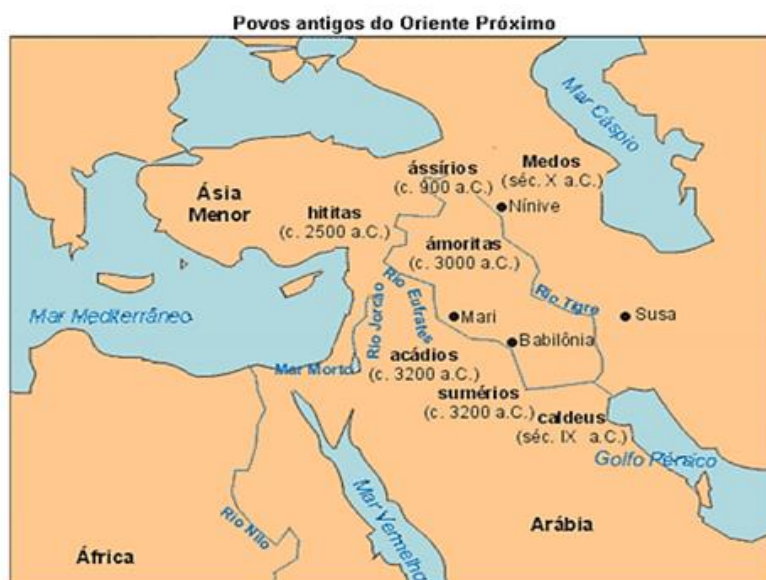
Em 1900 a.C., os **amoritas**, a partir da cidade da Babilônia, iniciaram a conquista da Mesopotâmia e formaram o **Primeiro Império Babilônico**. Com o reinado de Hamurábi, esse império transformou Babilônia em um importante centro urbano da época. Foi esse rei que também organizou o famoso **Código de Hamurábi**.

O Código de Hamurábi agrupava uma série de leis da época baseadas no princípio da Lei de Talião, com o lema "**olho por olho, dente por dente**". Esse conjunto de leis estipulava que quem cometesse delitos seria punido de maneira equivalente e proporcional ao dano que havia cometido. O domínio dos amoritas enfraqueceu-se com a morte de Hamurábi e com os ataques que sofreram de cassitas e hititas.

Em 1200 a.C., os **assírios** conquistaram a Mesopotâmia por meio de seus organizados exércitos, que se profissionalizaram ao longo do segundo milênio a.C. A sociedade assíria era conhecida por ser altamente militarizada, e seus soldados ficaram conhecidos como temíveis guerreiros que usavam de bastante violência contra seus inimigos.

Por fim, o último grande povo mesopotâmico foram os **caldeus**, que conquistaram os assírios em 612 a.C. A partir do reinado de **Nabucodonosor**, esse povo formou o **Segundo Império Babilônico** que, contudo, teve pequena duração. Atribui-se a Nabucodonosor o feito de ter construído os **Jardins Suspensos da Babilônia**, apesar de haver pouquíssimos indícios que confirmem a existência dessa construção. Os caldeus foram conquistados em 539 a.C. pelos persas, liderados por Ciro II.

(Texto disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historia/a-mesopotamia.htm>)



No mapa ao lado, você pode observar a localização de alguns povos que habitavam o Antigo Oriente Próximo. A região localizada entre os rios Tigre e Eufrates era chamada de Mesopotâmia.

(Imagem disponível em:
http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4679740/4120179/HG_GIN_EXP_6ANO_2BIM_ALUNO_2014.pdf)

- Após fazer a leitura e interpretação do texto e imagens. Responda as questões abaixo.

1) Quais rios banhavam a Mesopotâmia?

2) Quais as principais cidades da Mesopotâmia?

3) Por que a escrita cuneiforme recebeu esse nome?

4) Quais os principais povos da Mesopotâmia?

5) Onde a localização da Mesopotâmia?
